

CÍCERO E SEU PROJETO DE VALORIZAÇÃO DA FILOSOFIA E DA LÍNGUA

CICERO AND HIS PROJECT FOR THE APPRECIATION OF PHILOSOPHY AND LANGUAGE

GABRIEL MINGARELI CAVALINI*
JOSÉ JOAQUIM PEREIRA MELO**

Resumo: Este estudo tem por objetivo discutir a valorização do latim efetivada por Marco Túlio Cícero (106 – 43 a.C.) em seus escritos com o fim de adaptar a filosofia à sociedade romana. Isso implica discutir suas principais contribuições para a elaboração de um novo pensamento em Roma: a adaptação do “espírito” latino ao que havia de mais importante na filosofia grega, a valorização da língua latina e seu projeto de tradução do grego para o latim, a possibilidade de uma filosofia propriamente romana e a formulação da *humanitas* como processo formativo. Cícero realizou uma transliteração de termos da língua grega para a latina, de modo a torná-la capaz de exprimir a abstração da filosofia. Com sua obra, ele desenvolveu uma literatura propriamente latina. Depois dele, o conhecimento do grego decresceu em Roma, deixando de ser instrumento obrigatório de uma autêntica cultura.

Palavras-chave: Cícero; latim; filosofia; *humanitas*.

Abstract: The present study aims to discuss the valorization of Latin achieved by Marcus Tullius Cicero (106 – 43 BC) in his writings so as to adapt philosophy to Roman society. This involves discussing his main contributions to the elaboration of new thought in Rome: the adjustment of the Latin “spirit” to what was most important in Greek philosophy, the advancement of the Latin language and the project of translating Greek writings into Latin, the possibility of a properly Roman philosophy and the formulation of *humanitas* as an educative process. Cicero completed the transliteration of terms from Greek to Latin, so as to make it capable of expressing the abstraction of philosophy. With his work, he achieved a proper development of Latin literature. After him, knowledge of Greek declined in Rome, ceasing to be an obligatory instrument of authentic culture.

Keywords: Cicero; Latin; Philosophy; *Humanitas*.

* Professor na Universidade Paranaense, PR, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-2123-8275>.
Email: gabrielcavalini_@hotmail.com.

** Professor na Universidade Estadual de Maringá, PR, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-0743-8000>. Email: pereirameloneto@hotmail.com.

Marco Túlio Cícero, filósofo, orador e político romano, pertenceu a uma família provinciana abastada, sendo educado por meio de renomados filósofos, poetas e historiadores da época. Sempre em torno do respeito e da observância aos costumes e tradições, uma variada formação filosófica forneceu-lhe acesso a diferentes correntes de escolas gregas e helenísticas. Seu primeiro contato com a filosofia foi o ocorreu estoico Diódoto, que passou trinta anos em sua casa e lhe ensinou a dialética. Além dele, constam Fílon de Larissa, diretor da Acadêmica de Platão em Atenas, que fugiu para Roma em 88 a.C. para escapar da Guerra Mitridática¹ contra Atenas, e Fedro, que dirigiu a escola epicurista em Roma. Em suas viagens para a Ásia Menor e a Grécia, ouviu em Rodes o estoico Posidônio. Em Atenas, conviveu com o epicurista Zenão de Sídon e com o acadêmico Antíoco de Ascalon, por meio do qual teve acesso à filosofia de Aristóteles.

Sua formação filosófica, assim como a de seus contemporâneos, não se reduziu à aprendizagem sumária de doutrinas filosóficas fixas, nem mesmo a uma bagagem doxográfica, ou seja, ao que pensava determinado autor sobre este ou aquele assunto. De fato, Cícero ouviu as inúmeras problemáticas que sustentaram os debates contraditórios de sua época e se apresentavam como fonte de uma reflexão dialética e crítica.

É necessário considerar que os campos de investigação filosófica são delimitados por discussões entre adversários, por meio das quais se estabelecem novas doutrinas e são reinterpretações das tradições. Assim, no caso de Cícero, observa-se uma reflexão epistemológica pautada no conflito entre acadêmicos e estoicos, da mesma maneira que as questões de física e da teologia são relativas à contraposição entre estoicos e epicuristas. Além disso, podem-se salientar as reflexões sobre a ética determinadas pelas diferentes figuras do sábio que contrapõe estoicos e epicuristas.

Nesse cenário, Cícero não se apresentou como o defensor fiel de uma determinada doutrina em detrimento de outra, muito menos como o continuador de um mestre desaparecido. Apresentou um método, no qual, por meio de um diálogo, fez um exame crítico de todas as doutrinas e uma confrontação de pontos de vista. Logo, retirou de cada filosofia aquilo que

¹ A Guerra Mitridática é caracterizada como um conflito contra a hegemonia da República Romana sobre o mundo grego, liderado, em grande parte, por Mitrídates VI. Esse conflito ocorreu de 89 a.C. a 85 a.C. (MOMIGLIANO, 1975).

se lhe apresentava como mais verossímil. Por isso, como um bom romano, ele pode ser classificado como eclético².

Com uma vasta produção literária, ajudou a repensar e a adaptar a cultura helenística à romanidade, ou seja, a incorporar o ‘espírito’ romano ao que havia de mais importante na filosofia grega. Em suas obras verifica-se um novo modo de pensar a cultura e a educação o qual o destaca como um dos mais expressivos representantes da latinidade.

2. O GREGO E O LATIM EM ROMA

No século em que Cícero viveu, a helenização romana passava pela última fase de um processo que havia começado muito mais cedo. Por pertencer a uma família economicamente abastada, teve desde sua juventude uma educação semelhante à dos filhos dos patrícios, isto é, a educação grega, que era vislumbrada pelos romanos como instrumento de autêntica e legítima cultura. Aliás, tal como Cícero, em busca de uma formação grega completa, os jovens romanos não se contentavam com os professores de Roma, mas completavam sua formação na própria Grécia, berço da filosofia. Em *Brutus*³, Cícero afirma: “como eu tivesse chegado a Atenas, passei seis meses com Antíoco, filósofo conhecidíssimo e prudentíssimo da Antiga Academia, e comecei de novo com esse excelente guia e mestre o estudo da filosofia nunca interrompido, e cultivado e sempre crescido desde minha primeira juventude” (Cícero, *Brutus*, I, XCI, 315).

Desde “o século III a.C., os jovens aristocratas romanos, e ainda seus clientes e libertos, podem continuar na urbe o sistema da escola grega, ensinado por professores importados e por escravos cativos [...]” (Fontan, 1957, p. 20)⁴. Em razão disso, um romano culto na época de Cícero versava duas línguas, o grego e o latim. Embora o domínio da língua grega fosse condição

² Quando se fala de ecletismo, costuma-se tomá-lo como uma mistura de posições e formas de condutas desordenadas vindas de origens diferentes e nem sempre concordantes. Porém, não é o caso. O ecletismo diz respeito a um método em que diferentes teses oriundas de diversos sistemas são selecionadas e reunidas em um todo novo e original. Cada momento da história do pensamento pode fornecer materiais importantes para a formulação do pensamento filosófico.

³ Escrito em 46 a.C., *Brutus* é um tratado de retórica em forma de diálogo. Apresenta um panorama da oratória e de seu papel entre os antigos gregos e romanos (Seabra Filho, 2013).

⁴ “Desde el siglo III a.C., los jóvenes aristócratas romanos, y aun sus clientes y libertos, pueden seguir en la urbe el sistema de la escuela griega, enseñado por maestros importados e por esclavos cautivos [...]”.

fundamental para os romanos se introduzirem nos estudos da cultura grega tal como a filosofia, verificava-se uma Roma bilíngue, no sentido de que o grego se fazia presente em todas as partes: “no final do século III e em todo o século II é normal encontrar aristocráticos senadores romanos que conhecem bem o grego e falam com facilidade. Os primeiros historiadores – analistas – romanos, como Quinto Fabio Pictor e Lucio Cincio Alimento, compõem suas obras nesta língua” (Fontan, 1957, p.19).

Salienta-se, assim, uma característica dos romanos: por mais que tenham conquistado diferentes povos no decorrer dos últimos três séculos a.C., não impuseram sua língua aos povos conquistados. Mesmo com a unificação política e cultural com a Grécia, por exemplo, não houve uma unificação linguística. O governo romano, diante do prestígio da cultura grega, jamais tentou impor o latim (Marrou, 2017). Pelo contrário, a língua grega predominava sobre a latina. Afirma Cícero em *Brutus*:

Exercitava-me em declarações (pois se diz assim agora) muitas vezes com Marco Pisão e com Quinto Pompeio ou com alguém todos os dias; e eu o fazia muito também em latim, mas mais frequentemente em grego, ou porque a língua grega, mais rica em efeitos de estilo, me habituava a preceitos oratórios aplicáveis ao latim, ou porque eu, se não falasse o grego, nem poderia ser corrigido nem ser ensinado pelos excelentes mestres gregos (Cícero, *Brutus*, I, XC, 310).

Isso se deve ao fato de Roma vislumbrar na civilização grega uma grandiosidade cultural, passar a estudar a língua e a literatura gregas, conhecer sua filosofia, importando tanto obras de arte como professores gregos. Os aristocratas romanos, por exemplo, falavam e escreviam o grego com perfeição, sem contar que colecionavam em suas bibliotecas obras de arte grega (Marrou, 2017). Para Grimal (2009), além de outras referências, é possível vislumbrar a presença da língua grega em diferentes partes da sociedade, seja entre os comerciantes, viajantes vindos da Itália Meridional seja entre os escravos do Lácio, provenientes das conquistas dos territórios gregos. Assim, por via oral mediata ou imediata, o vocabulário latino admitiu termos vindos do grego, a exemplo da denominação de moedas, de utensílios domésticos, de técnicas da navegação, entre outros. Apesar das diferenças culturais, sociais e linguísticas entre as duas civilizações, bem como da resistência de muitos romanos diante da influência helênica, como Catão⁵, a filosofia grega

⁵ Marco Pórcio Catão (234-149 a.C.) foi um político e escritor da gente pórcia da República Romana. Embora resistente à helenização, falava grego e lia em grego.

era compreendida por muitos romanos, que, falando o grego, chegaram a receber a embaixada de tais filósofos em Roma em 155 a.C.

O latim era considerado uma língua rústica que não combinava com a filosofia e a eloquência gregas. Para Grimal (2009), o latim era uma língua moderada, utilizada para designar questões facilmente entendidas na vida cotidiana. A esse respeito, diz Cícero em *A natureza dos deuses*⁶: “[...] pois muitos, instruídos em instituições gregas, não podiam transmitir a seus concidadãos aquilo que haviam aprendido, porque não confiavam em poder ser dito em latim o que haviam recebido dos gregos” (Cícero, *A natureza dos deuses*, I, 8).

Assim, para que o latim fosse capaz de exprimir a abstração própria da filosofia, seria necessário realizar uma transposição dos termos próprios da língua grega para o latim. Porém, em razão do acesso fácil à filosofia grega, não havia essa preocupação ou esse interesse por parte de muitos autores romanos, havendo mesmo uma espécie de complexo de inferioridade perante os gregos e, por conseguinte, a impossibilidade de uma equiparação com eles em cultura e em língua (San’Anna, 2015).

Cícero foi um dos principais representantes do movimento de valorização do latim e de construção de uma literatura propriamente latina, a ponto de, depois dele, o conhecimento do grego decrescer em Roma, deixando de ser instrumento obrigatório de uma autêntica cultura.

2.1 O projeto de tradução como estratégia para a criação da filosofia latina

No prólogo de *Discussões Tusculanas*, Cícero se refere à ausência de uma literatura entre os romanos. Segundo o arpinate, só tardiamente a arte poética e seus respectivos poetas foram conhecidos pelos romanos, que, porém, não lhes prestaram a devida honra. Essa ausência de consideração pela poesia e pelas artes justificou o atraso de uma produção literária propriamente romana. Por isso, afirma Cícero: “[...] quanto menor foi o prestígio dado aos poetas, tanto menores foram as produções. Mesmo assim, caso tenham surgido alguns com grande talento nesse gênero, não corresponderam de modo suficiente à glória dos gregos” (Cícero, *Discussões Tusculanas*, I, II, 3).

Nessa mesma obra, Cícero salienta que a geometria, a pintura e a música, por exemplo, nunca tiveram condições de atingir o brilho e a honra

⁶ Trata-se de um livro filosófico escrito em meados de 45 a.C., sob a forma de diálogos, distribuídos em três livros (Bortolanza, 2016).

que tiveram entre os gregos porque foram reduzidas à utilidade prática. A geometria, por exemplo, era utilizada unicamente para medir e racionar. A própria oratória, que foi elevada com Cícero a seu mais alto patamar, tinha, no início, uma perspectiva meramente instrumental ou funcional, qual seja, dar condições ao indivíduo para se pronunciar em público, com base em técnicas de convencimento (Marrou, 2017).

Verifica-se que, nos primórdios da República Romana, a literatura estava voltada exclusivamente para funções práticas, ou seja, para questões próprias da vida cotidiana, tais como controle de finanças, eventos religiosos, registros de leis. Exatamente por isso, não é de impressionar que os primeiros indícios de uma literatura em Roma tenham se dado na língua grega (San'anna, 2015). Segundo Bonner (1984, p.25), “em uma sociedade como a do século terceiro, na qual a consecução dos logros agrícolas poderia ser sempre perturbada pelo serviço na guerra, é compreensível que a formação intelectual tivesse um papel menor [...]”⁷.

De fato, aos poucos, Roma começou a ter apreço pela literatura grega, como, por exemplo, a poética. Por sua vez, o grego trazia outras vantagens, especialmente para os patrícios, políticos e grandes proprietários de terra. No contexto em que as relações com o mundo helenístico se faziam cada vez mais frequentes, principalmente em razão das conquistas romanas, os grupos sociais de alto poder econômico e político de Roma tornaram-se mais competitivos, o que, por conseguinte, criava a necessidade de um maior conhecimento do ‘novo mundo’ com o qual tinham que lidar por meio da expressão oral nos conselhos e nas assembleias. À medida que o grego se tornava a língua franca, os princípios da retórica grega e o conhecimento do idioma representavam maior capacidade de ocupação nas magistraturas e um traço de distinção social perante os camponeses (San'anna, 2015).

A perspectiva sobredita verificou-se também na filosofia. O caráter essencialmente prático do homem romano desviou-o das grandes especulações filosóficas, restringindo-o a questões de ordem econômica, jurídica e militar (Pereira Melo, 2008). O ócio, por exemplo, enquanto expressão de um tempo destinado à aprendizagem e às especulações filosóficas, era considerado uma espécie de improdutividade. “Para um homem de alta condição social do senado romano não se pode conceber – fora da agricultura – outra ocupação.

⁷ “En una sociedad como la del siglo tercero, en la que la consecución de los logros agrícolas podía ser siempre perturbada por el servicio en la guerra, es comprensible que la formación intelectual tuviese un papel menor [...]”.

Somente esta merece o sério nome de *negotium*. Todo o restante é *otium*” (Fontan, 1957, p.23)⁸. Assim, visto como o tempo livre do não fazer nada, era relegado àqueles que não se importavam com a República.

De modo diverso, Cícero procurou reunir e desenvolver em si tanto os aspectos do homem prático, ou seja, daquele que, sentindo as antigas obrigações para com a República, não se subtraía à ação, como os do homem teórico, voltado para as necessidades intelectuais em suas mais variadas manifestações (Carletti, 1999). Assim, temos em Cícero um homem no qual a ação e o pensamento se fundem, como ele mesmo declara em *Da República*:

Nada para mim seria imprevisto nem grave que não esperasse por meus feitos. Ainda mesmo que fosse lícito colher o mais fruto do ócio pelo doce e variado dos estudos a que me consagro desde a infância, e ainda mesmo que, sobrevivendo algum desastre geral, minha condição não devesse ser pior, mas a mesma dos outros, não vacilaria em arrostar as maiores tormentas e as próprias inundações fluviais pela conservação dos cidadãos, julgando sacrificar meu bem-estar em arras da tranquilidade comum (Cícero, *Da República*, I, IV)

A respeito da Filosofia, afirma que “ficou no esquecimento até a época presente e não teve nenhum brilho nas letras latinas. Cabe a nós colocá-la em evidência e estimulá-la de modo que, se algo formos úteis aos nossos cidadãos na vida pública, o sejamos também fora dela, se pudermos” (Cícero, *Discussões Tusculanas*, I, III, 5).

A mesma perspectiva está expressa em *A natureza dos deuses*:

Pois, como nos aborrecêssemos com o ócio e a situação do Estado fosse tal, que se fazia necessário governá-lo pela determinação e cuidado de um só, julguei que a filosofia devia ser explicada a nossos homens, tendo em vista, primeiramente, a própria coisa pública. Levamos em conta particularmente ser do interesse para a glória e o louvor da comunidade, que assuntos tão graves e tão importantes fossem conservados também em língua latina (Cícero, *A natureza dos deuses*, I, 7).

Assim, mais do que oferecer aos romanos a possibilidade de acesso à filosofia produzida pelos gregos, Cícero tinha o objetivo de transmiti-la em latim. Ressalta-se, porém, que ele não se reconhecia como um mero tradutor das obras gregas, pois as enriquecia com seu próprio julgamento, contribuindo, portanto, para a elaboração de uma filosofia romana:

⁸ “Para un hombre de la alta condición social del senador romano no se puede concebir – fuera de la agricultura – otra ocupación. Sólo ésta merece el serio nombre de *negotium*. Todo lo demás es *otium*”.

de um modo consciente e expresso, Marco Tulio se proporia a latinização de toda a cultura grega, da arte oratória, da retórica e da filosofia, proporcionando aos jovens romanos, junto com o exemplo vivo de seus discursos, os materiais técnicos para a educação retórica e a linguagem e o caminho da filosofia. (Fontan, 1957, p.30)⁹

Para Rocha Pereira (2013), Cícero não se limitou a ser o grande transmissor do saber grego: além de completá-lo com a experiência romana, tornou-o atraente por meio de uma expressão dútil e vigorosa. Auvray-Assayas (2018) destaca que, embora Cícero tenha afirmado que seu trabalho se opunha ao de um simples tradutor, por muito tempo essa distinção foi pouco considerada, já que se buscavam textos gregos em cada página de sua obra. Além disso, considerando a predominância de leitores completamente bilíngues e com acesso fácil ao original, verifica-se a relativa inutilidade das traduções do grego para o latim. Portanto, as relações dos romanos com as fontes gregas não podem ser reduzidas à mera cópia ou compilação, pois o projeto do arpinate era de uma literatura propriamente latina, ou seja, com o ‘espírito’ latino. Segundo Vieira (2006), o que motivava Cícero a se dedicar ao trabalho de tradutor era o desejo de contribuir para o desenvolvimento da expressão literária de seu idioma, ou seja, lutar contra sua própria língua de modo a torná-la capaz de exprimir a eloquência grega e, por conseguinte, estimular uma potencialização expressiva da própria língua latina.

De facto, foi ele o primeiro, segundo se diz, a dar nome às noções de “imaginação”, “suspensão do juízo”, “assentimento” e “compreensão”, e ainda de “átomo”, “indivisível”, “vácuo”, e muitas outras deste gênero; e que as deu a conhecer e tornou familiares aos romanos de forma mais criativa, quer através de metáforas, quer de termos com o seu sentido próprio (Plutarco, *Vidas Paralelas: Demóstenes e Cícero*, I, 2).

No argumento apresentado no prefácio do diálogo *Da Antiga à Nova Academia*¹⁰, Cícero utiliza como personagens alguns nomes de então, como Ático, seu grande amigo, e Varrão, seu contemporâneo e grande historiador. A temática é a discussão sobre uma filosofia propriamente romana, já que

⁹ “De un modo consciente y expreso, Marco Tulio se propondría la latinización de toda la cultura griega, del arte oratorio, de la retórica y de la filosofía, proporcionando a los jóvenes romanos, junto con el ejemplo vivo de sus discursos, los materiales técnicos para la educación retórica y el lenguaje y el camino de la filosofía”.

¹⁰ Trata-se de um livro filosófico escrito em meados de 45 a.C., sob a forma de diálogo. No caso, apresenta uma discussão a respeito das possibilidades do conhecimento humano, abordando, de modo particular, as visões da Escola Estoica de Crisipo em contraposição à Nova Academia de Arcésilas e Carnéades (CAMPOS, 2012).

Varrão se recusou a escrever filosofia em latim com a justificativa de que os interessados realizariam a leitura em grego.

Basicamente, três pontos são colocados pelo personagem que se opunha ao projeto de uma literatura latina. Primeiro, a inutilidade de se escrever filosofia em latim, pois esta já existia na língua grega. Segundo a possibilidade do acesso ao original anulava a necessidade da cópia em latim. Terceiro, a falta de interesse de muitos pela filosofia grega se estenderia aos escritos latinos. Em contraposição, por meio do personagem que o representava, Cícero levanta os seguintes argumentos:

O motivo possível, tu mesmo o declaraste: os que sabem grego preferem ler os originais, os que não sabem também não querem ler filosofia em latim. No entanto, não me consegues convencer das tuas razões: estou persuadido de que os ignorantes do grego lerão as obras em latim, e mesmo os que sabem grego não devem desprezar os textos escritos em língua materna. Afinal, por que razão os conhecedores da literatura grega leem os poetas latinos e não hão de ler os filósofos? Se sentimos prazer na leitura de Ênio, Pacúvio, Ácio e tantos outros, que expressaram, não a forma linguística, mas sim a matéria tratada pelos poetas gregos, tanto maior prazer deve suscitar em nós a leitura dos filósofos, se, tal como os primeiros imitaram Ésquilo, Sófocles, Eurípedes, os outros imitem Platão, Aristóteles, Teofrasto (Cícero, *Da Antiga à Nova Academia*, I, III, 10).

Assim, por meio do diálogo entre os dois personagens, Cícero queria proporcionar aos romanos os meios de refletir a respeito daquilo que os constituía. No entanto, para Cícero, tal empreitada deveria ser realizada na própria língua latina (Auvray-Assayas, 2018). Diante de uma possível crítica a seu projeto, Cícero aproveitava os prefácios de seus principais escritos para justificar o grande tempo que dedicava a essa tarefa intelectual que o pragmatismo romano vislumbrava como desperdício (Rocha Pereira, 1985). Por isso, “quando Cícero, nos anos do seu exílio político, escreve obras filosóficas – como um grego podia fazê-lo – tem necessidade de se justificar diante dos que consideravam essa ocupação imprópria para um senador romano” (Fontan, 1957, p.27)¹¹. Porém, tal questão era posta de lado, principalmente em face da importância que seu projeto teria para a formação dos romanos que não possuíam acesso à literatura grega, ou seja, dos não letrados em filosofia.

¹¹ “*Cuando Cicerón, en los años de su retiro político, escribe obras filosóficas – como pudiera hacerlo un griego – tiene necesidad de justificarse ante quienes consideraban esta ocupación impropria de un senador romano*”.

Cícero procurou reunir e desenvolver em si os dois aspectos: o do homem prático, que, em face das antigas obrigações para com a República, não se subtraía à ação e o do homem teórico, voltado para as necessidades intelectuais em suas mais variadas manifestações. Assim, Cícero pode ser considerado como um homem no qual a ação e o pensamento se fundem.

Nada para mim seria imprevisto nem grave que não esperasse por meus feitos. Ainda mesmo que fosse lícito colher o mais fruto do ócio pelo doce e variado dos estudos a que me consagro desde a infância, e ainda mesmo que, sobrevivendo algum desastre geral, minha condição não devesse ser pior, mas a mesma dos outros, não vacilaria em arrostar as maiores tormentas e as próprias inundações fluviais pela conservação dos cidadãos, julgando sacrificar meu bem-estar em arras da tranquilidade comum (Cícero, *Da República*, I, IV).

Para Lima (2010), Cícero conferia a sua obra o valor de um verdadeiro serviço público, equivalente ao trabalho exercido por um magistrado, que ele poderia e desejaria desempenhar se houvesse uma conjuntura diferente na República de seu tempo¹².

A importância de seu projeto de tradução revela-se também na comparação que ele fez entre sua obra filosófica e o trabalho desempenhado tanto pelos poetas latinos quanto pelos oradores romanos. Ou seja, da mesma forma que os poetas romanos cultivaram os gêneros dramáticos criados na Grécia e os oradores romanos seguiram modelos gregos, contribuindo muito para o desenvolvimento da cultura romana, ele também contribuiria para a ampliação da cultura letrada dos romanos. A esse respeito, afirma o arpinate em *As últimas Fronteiras do Bem e do Mal*:

A minha posição é esta: assim como estou convicto de nunca ter faltado ao serviço que o povo Romano de mim exigiu, quer na actividade forense, quer nas dificuldades e perigos da política, acho que devo igualmente na medida de minhas forças, fazer todo o possível por tornar mais cultos os meus concidadãos graças à minha obra, à minha cultura, aos meus escritos [...] (Cícero, *As últimas Fronteiras do Bem e do Mal*, I, IV, 10).

Dessa forma, ele proporcionou relevância à composição literária em latim e, de modo particular, à produção filosófica. Logo, em vez de ser relegada a homens retirados da vida pública, sendo, por conseguinte, de pouca utilidade para a sociedade, principalmente a partir da obra grega, com Cícero,

¹² Por conta da guerra civil que opôs César e Pompeu e, em seguida, levou ao confisco de todos os seus poderes por César, Cícero foi obrigado a se afastar da vida pública e se exilar. Foi exatamente nesse contexto que ele escreveu a maioria de seus escritos (MAFFII, 1948).

a filosofia passou a ser vislumbrada como uma atividade honrosa, ou seja, digna de um homem culto na Roma de César. Tal como um cônsul desempenhava a função de defensor da República, seus escritos garantiriam às futuras gerações o acesso ao estudo da filosofia (Lima, 2010).

Há, de facto, pessoas, e não forçosamente de pouca cultura, que detestam por completo a prática filosófica. Alguns, sem dúvida, não a condenam de todo se for praticada com moderação, mas já não aceitam que se lhes dedique tamanho empenho e tão grande esforço. Outros haverá também que, bons conhecedores das letras gregas, desprezam as latinas, e dizem preferir gastar as suas energias lendo os textos gregos no original. Suspeito, finalmente, que há de haver quem opine que eu devia dedicar-me a outro género de escrita, por este tipo de literatura, ainda que exija talento, não estar à altura do meu estatuto político e social (Cícero, *As últimas fronteiras do bem e do mal*, I, I, 1).

Desse modo, escrever filosofia em latim, cobrindo, de modo amplo, as várias questões tratadas por esse tipo de saber, correspondia a um projeto de educação que viabilizaria a seus concidadãos o acesso a esse gênero de conhecimento. Tal projeto educacional poderia ser considerado como uma espécie de serviço público na medida em que apresentava a mesma dignidade de um cargo administrativo no interior da sociedade romana ou da gerência de uma campanha militar (Lima, 2010).

2.2 Plano para o desenvolvimento de uma filosofia romana

Afastado de suas atividades políticas e sociais, Cícero descobriu nessa contingência um meio de prosseguir em seu empenho de recuperar a dignidade de uma República empedalhada, ou seja, de continuar útil à República (Feracine, 2011). Para isso, utilizou-se da reflexão tácita a respeito de conceitos e valores morais que serviriam para reativar os ideais amortecidos tanto na vida particular dos cidadãos como na convivência em sociedade. Concebeu, assim, um plano para produzir um *corpus* de textos que contemplasse a totalidade do campo filosófico na tripartição ‘lógica’, ‘ética’ e ‘teologia-metafísica’ (Campos, 2012). De acordo com Rocha Pereira (1985), ele apresentou um plano ambicioso e arrojado para uma civilização que havia fechado as portas para a filosofia: expor na língua latina as teorias das principais correntes do pensamento filosófico grego e helenístico. A sucessão de seus escritos não foi fruto do acaso, mas o resultado de uma planificação bem estruturada e com uma finalidade determinada.

Tal plano filosófico começou a ser desenvolvido com a exortação à filosofia, a que deu o título de *Hortensius*¹³ (45 a.C.), atribuindo-lhe a função protréptica, ou seja, de incitamento ao estudo e à prática da filosofia, bem como à sua defesa como um todo bem estruturado e coerente. O objetivo do autor era mostrar a filosofia como algo compatível com a mentalidade romana e que, assim, não acarretaria prejuízo para a ação cívica: pelo contrário, teria enorme utilidade prática. Esse escrito perdeu-se no decurso do tempo, mas são inúmeras as menções ao valor da filosofia, seja em outros escritos de Cícero seja em textos de autores posteriores.

A respeito desse escrito, afirma Agostinho de Hipona em *Diálogo sobre a Felicidade*: “[...] desde que na escola de retórica tomei conhecimento do livro de Cícero, que tem por título Hortênsio, senti nascer em mim um tão grande amor pela filosofia que desde logo decidi dedicar-me a ela” (Agostinho, *Diálogo Sobre a Felicidade*, I, 4).

Em *Da Antiga à Nova Academia*, afirma o arpinate: “[...] ou a filosofia é especialmente adequada a minha idade, ou é atividade mais consentânea com as ações meritórias que porventura eu tenha praticado, ou é o que de mais útil posso fazer para aumentar a cultura de meus concidadãos” (Cícero, *Da Antiga à Nova Academia*, I, III, 11).

A discussão de problemas filosóficos fundamentais, tais como o da possibilidade do conhecimento humano, continua a ser apresentada em *Luculo* ou *Academica Priora* (45 a.C.) e em *Da Antiga à Nova Academia* ou *Academica Posteriora* (45 a.C.). Ressalta-se que esses dois escritos, juntamente com o *Hortensius*, são concebidos como um único bloco, já que têm como finalidade fundamentar o interesse e a necessidade da filosofia. Diferem, assim, daqueles se ocupam do problema que se põe antes de nenhum outro a toda a filosofia: o problema do saber.

Portanto, ao apresentar as principais correntes do pensamento grego, Cícero mostrou que, nas primeiras décadas do século I a.C., na Academia¹⁴,

¹³ *Hortensius* é uma das obras perdidas de Cícero. Tornou-se célebre por meio da menção de Agostinho de Hipona (354-430) na qual ele creditou ao livro sua conversão ao cristianismo (CAMPOS, 2012).

¹⁴ A Academia a que Cícero faz referência não é a escola que floresceu com Platão. Segundo Rocha Pereira (1985), é a Academia da fase conhecida como ceticismo, que consiste em estabelecer antíteses entre aparências e juízos de qualquer maneira, aceitando, por conseguinte, a doutrina da probabilidade. O probalismo de Cícero está estruturalmente ligado ao seu ecletismo. Um é fundamento do outro porque têm uma mesma raiz cultural e histórica, dado que a chave com que Cícero resolve seus problemas filosóficos é sempre de maneira culturalista e nunca puramente especulativa

confrontavam-se duas posições antagônicas que se expressam no ceticismo iniciado por Arcesilau e continuado por Carnéades e Filon de Larissa e no retorno ao antigo platonismo por parte de Antíoco de Áscalon (Campos, 2012). Ressalta-se, porém, que esses escritos, enquanto campos de investigação filosófica, são delimitados por diferentes discussões entre adversários, por meio das quais se estabeleceram as doutrinas e foram reinterpretadas as tradições (Auvray-Assayas, 2018). Enfim, mais do que transmitir o entendimento dessas diferentes escolas, Cícero apresentou os grandes debates e contraposições teóricas que surgiram em Roma.

Quanto à abordagem da questão ética, especialmente a do ‘supremo bem’, e, considerando que o homem se preocupa com a via de obtenção da felicidade, ele apresentou uma vertente teórica em *As Últimas Fronteiras do Bem e do Mal* (45 a.C.) e uma vertente prática em *Discussões Tusculanas* (44 a.C.). Em tais escritos, tratou de problemas inevitáveis e sem soluções visíveis, ou seja, de temas que inquietavam os homens, como a morte, a dor física, o sofrimento moral e a busca da beatitude, e apresentou a filosofia como remédio para todos esses males, já que ela abria o caminho para a virtude e a felicidade (Bortolanza, 2014). Assim, atribui também à filosofia o valor de uma ‘terapia pública’, haja vista que ela conduziria a um salutar conforto espiritual e, por conseguinte, à cura de doenças morais provenientes de uma má educação e de doutrinas que debilitavam a dignidade do ser humano.

Por fim, tratou do problema metafísico-teológico, ou seja, do problema da existência e do significado dos deuses, da possibilidade de se comunicar com eles e da investigação de suas vontades em relação ao futuro e à realidade dos homens. Esse tema aparece em *Da Natureza dos Deuses* (44 a.C.), *Sobre a Adivinhação* (44 a.C.) e *Sobre o Destino* (44 a.C.). Ressalva-se, como já foi afirmado, que o romano não era dado a grandes elucubrações abstratas, reduzindo a *pietas* e a *religio*, tão importantes na tradição dos antepassados como expressão da sacralidade de seus ritos, à aparência de cultos aos deuses que, por conseguinte, em quase nada refletiam a cultura e a civilização romana (Bortolanza, 2016). Em *A natureza dos deuses*, Cícero discute a natureza dos deuses como algo “[...] extremamente fascinante tanto para o conhecimento do espírito como necessária para orientar a religião” (Cícero, *A natureza dos deuses*, I, 1). Logo, considerava uma finalidade ética trazer esse diálogo para o lado prático, ou seja, fazer frente à perda do *mos maiorum* e ao mesmo tempo exercitar a razão.

Além de todas essas discussões, destaca-se o homem em sua dimensão sociopolítica, especialmente em seu *Tratado da República* (54-52 a.C.), no

livro *Das Leis* (52 a.C.) e no livro *Dos Deveres* (44 a.C.). Nesses escritos, Cícero analisou diferentes assuntos, tais como: a melhor forma de governo, o papel da justiça e da educação na formação do homem, o devotamento à pátria, a obediência às leis e ao direito, a busca da virtude enquanto supremo bem. Esses escritos refletiam em grande parte o objetivo final da obra ciceroniana: proporcionar ao homem uma educação moral e política que, por meio do cultivo das virtudes enquanto único bem, levaria à revitalização da República Romana em crise no século I a.C. Logo, a filosofia de Cícero tinha uma finalidade prática que não resultava na negação da vida contemplativa, até por que foi por meio desta que boa parte de sua obra foi redigida. Integram-se a esse projeto os escritos *Consolação* (45 a.C.), *Paradoxos* (46 a.C.), *Sobre a Velhice* (44 a.C.), *Sobre a Amizade* (44 a.C.) e *Tópicos* (44 a.C.).

Somam-se a sua atividade intelectual e literária os livros retóricos. Para Campos (2012), Cícero sentia-se atraído tanto pela *sapientia* como pela *eloquentia*, no sentido de que nunca optou exclusivamente por uma das duas vias; pelo contrário, parecia ter decidido fazer de si o exemplo prático de que é possível a aliança entre a *eloquentia* e a *sapientia*. Ainda em sua juventude, Cícero escreveu seu primeiro livro retórico *De Inventione* (80 a.C.) e, ao longo de dois livros, dissertou a respeito da primeira parte do discurso, a *Inventio*. Alguns anos depois, em seus três principais livros a respeito da retórica: *De oratore* (55 a.C.), *Brutus* (46 a.C.) e *Orator* (46 a.C.), ele abordou a formação do orador ideal.

Embora tenha produzido uma vasta literatura a respeito da retórica, Cícero não restringiu a discussão a uma espécie de proposta ideal, mas, em seus discursos, colocou em prática todos os princípios da retórica que abordou em seus livros. Osuna (2012) divide esses discursos em judiciais – pronunciados diante de um tribunal como advogado – e políticos – pronunciados no Senado ou no Fórum. De todos eles, foram conservados mais de cinquenta discursos. Entre os primeiros, destacam-se *In C. Verrem* (70 a.C.) – por meio do qual Cícero obteve fama ao acusar o ex-governador Caio Verres de corrupção e extorsão; *Pro Archia Poeta* (62 a.C.) – em defesa do poeta grego Árquias, acusado de usurpação do direito de cidadania; *Pro Caelio* (56 a.C.) – em defesa de seu jovem amigo Célio, acusado de querer envenenar Clódia, irmã do inimigo de Cícero, Clódio; e *Pro Milone* (52 a.C.) – em defesa de Milon, que matou Clódio. Dos discursos pronunciados no Senado, destacam-se: *Pro Lege Manilia* (66 a.C.) – em apoio à proposta do tributo Manílio, de modo a conceder a Pompeu (106 – 48 a.C.) a chefia suprema das tropas romanas na guerra contra Mitríades; *In Catilinam* (63 a.C.) – quatro discursos contra

Catilina, acusado de tramar uma rebelião após não ser eleito cônsul, o que incluía o assassinato de Cícero; e *Philippicae* (44-43 a.C.) – dezessete discursos contra a subida ao poder por Marco Antonio (83 – 30 a.C.)

Essa vasta produção literária, boa parte remanescente até os dias de hoje, deixa evidente que Cícero buscou repensar e adaptar a cultura helênica à romanidade, de forma que Roma tivesse uma literatura e uma filosofia propriamente latinas. Com exceção de alguns discursos e cartas, observa-se uma vasta produção literária em latim, e a transposição de termos filosóficos da língua grega para a língua latina, além de escritos que revelam as características de seu povo e contêm discussões que vem ao encontro de suas necessidades.

2.3 A *humanitas* latina

Cícero foi um dos responsáveis pela tradução de conceitos próprios da cultura grega para o latim. Dentre esses, destaca-se o de *humanitas*, que equivale ao termo grego *paidéia*¹⁵, que expressa o conjunto da formação humana. Como já foi referido, a palavra latina *educatio* era utilizada pelos romanos para se referir à educação, mais propriamente à educação física e moral que tornava as crianças aptas para adentrar o mundo dos adultos, sendo norteadas pelo cultivo e pela permanência dos costumes. De maneira distinta, Cícero visava um modelo educacional contagiado pela *padéia* grega, por ele entendido como superior a *educatio* até então existente em Roma (Pereira Melo, 2008).

Referente a construção semântica do conceito de *humanitas*, pode-se verificar algumas etapas essenciais. Em um primeiro momento, apresentava-se como sinônimo de misericórdia, mansidão e filantropia, termos estes próprios da vida jurídica e das relações familiares com os vencidos. Em um segundo momento, apresentava-se tanto como uma forma de vida superior à dos considerados bárbaros, como também superior à natureza, no sentido de expressar uma oposição entre o homem e o animal. Assim, a *humanitas* do homem civilizado ou humanizado pela cultura se contrapunha à *immanitas* dos bárbaros. É exatamente essa compreensão que Cícero assumiu, possibilitando a abertura de Roma para um novo pensar formativo, particularmente dos jovens que iriam atuar nos quadros da República (Pereira Melo, 2008).

¹⁵ *Paideia* é a denominação do sistema de educação e de formação ética na Grécia Antiga. Basicamente, incluía temas como ginástica, gramática, retórica, música, matemática, filosofia, história. O objetivo era formar um cidadão completo que desempenhasse um papel positivo na sociedade de seu tempo (Jaeger, 2013).

Ressalta-se que tal projeto educacional não poderia ser empreendido por aqueles que buscavam um resultado imediato, ou seja, não poderia ser feito de modo improvisado ou passageiro, mas seria resultado de um processo constante, que aconteceria no decorrer de toda a existência humana. Caso contrário, resultaria apenas em um saber técnico com pouca profundidade literária e cultural, realizado de modo improvisado com vistas ao entretenimento, pois “[...] o aperfeiçoamento pessoal era obtido por meio de um longo processo, que envolvia intimidade com a cultura, com a literatura e com os saberes assimilados dos gregos, devidamente adaptados ao mundo latino e solidamente ligados às tradições, aos costumes, às leis e à educação romana” (Pereira Melo, 2007, p.12).

Para favorecer a *humanitas*, era necessário que o homem solidificasse a excelência no conhecimento da cultura, da educação e da política romana. Ou seja, a *humanitas* seria promovida tanto por meio da cultura, da virtude e da perfeição pessoal quanto pelo exercício da cidadania. Isso significa que tal formação não se reduzia a um saber intelectual, mas que o conhecimento procedente de seu domínio da cultura exigia uma aplicação prática, isto é, a intervenção e a contribuição para a resolução das diferentes adversidades sociopolíticas no interior da República (Coelho; Pereira Melo, 2012).

Assim, o estudo das artes liberais não separaria o homem de sua comunidade, muito menos se configuraria como uma espécie de retiro civicamente improdutivo, ou seja, de arte pela arte. De maneira diversa, ilustrando-se como arte para a vida, reverteria seus frutos para o interesse público, no sentido de que toda a comunidade se beneficiaria do cultivo das letras (Sánchez, 2014).

A *humanitas*, enquanto expressão da educação do homem de acordo com sua verdadeira forma humana, ou seja, seu autêntico ser (Jaeger, 2013), voltada para a formação do homem virtuoso, moral, político e literário, foi assumida por Cícero como finalidade de toda sua obra. Assim, mostrou sua compreensão de um homem voltado às letras e à política, ou seja, à harmonia entre o ócio intelectual e os deveres para com o governo de Roma. Mostrou seu entendimento do longo processo formativo que prepararia o homem para atuar no interior da República. Tal proposta formativa é encontrada em seu livro *Dos Deveres*.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cícero ofereceu a Roma um novo modo de pensar a cultura e a educação, o qual recebia a forte influência da filosofia helênica. O primeiro desafio

enfrentado para essa transformação foi a conciliação das diferenças entre gregos e romanos, a começar pelas linguísticas. Com seu projeto de tradução das obras em grego, sua finalidade era chegar ao conhecimento da filosofia praticada no contexto helênico e, assim, consolidar o projeto de criação de uma filosofia propriamente romana. Essa foi a origem da *humanitas* romana, consistente com a preocupação de se promover uma educação pautada na virtude, na moral, na política, na retórica e na literatura. Cícero foi o grande propagador desse ideal de homem que se queria para a República.

[Recebido em março/2023; Aceito em julho/2023]

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO DE HIPONA. *Diálogo Sobre a Felicidade*. Lisboa: Edições70, 2018.
- AUVRAY-ASSAYAS, Clara. *Cícero*. Trad. Jane Pessoa. 1ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2018.
- BONNER, Stanley. *La educación en la antigua Roma*. Barcelona: Herder, 1984.
- BORTOLANZA, João. Prefácio. In: CÍCERO. *A Natureza dos Deuses*. Trad. Bruno Fregni Bassetto. Uberlândia: Edufu, 2016, p. 496.
- CAMPOS, José Antônio Segurado e. Apresentação. In: CÍCERO. *Textos Filosóficos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012, p. 549.
- CARLETTI, Amilcare. *Os grandes oradores da Antiguidade: Cícero, as Catilinárias*. 2ª ed. São Paulo: Livraria e Editora Universitária de Direito, 1999.
- CÍCERO, Marco Túlio. *As Últimas Fronteiras do Bem e do Mal*. Trad. José Antônio Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.
- _____. *A natureza dos deuses*. Trad. Bruno Fregni Bassetto. Uberlândia: Edufu, 2016.
- _____. *Brutus*. Trad. José Rodrigues Seabra Filho. Belo Horizonte: Edições Nova Acrópole, 2013.
- _____. *Da Antiga à Nova Academia*. Trad. José Antônio Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.
- _____. *Da República*. Trad. Amador Cisneiros. São Paulo: Edipro, 2011.
- _____. *Discussões Tusculanas*. Trad. Bruno Fregni Bassetto. Uberlândia: EDUFU, 2014.
- COELHO, João Paulo Pereira; PEREIRA MELO, Joaquim. A Constituição História da Humanitas Latina em Cícero e Sêneca. *Seminário de Pesquisa do PPE*, Universidade Estadual de Maringá, 7 a 9 de maio de 2012.
- FERACINE, Luiz. *Cícero, o maior filósofo latino da Antiguidade*. São Paulo: Lafonte, 2011.
- FONTAN, Antonio. *Artes Ad Humanitatem: Ideales del hombre y de la cultura em tempos de Ciceron*. Navarra: Publicaciones del Estudio General de Navarra, 1957.
- GRIMAL, Pierre. *A Civilização Romana*. Trad. Isabel Aubyn. Lisboa: Edições 70, 2009.
- JAEGER, Werner Wilhelm. *Paideia: a formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- LIMA, Sidney Calheiros de. Cícero e a obra filosófica em latim como múnus *rei publicae*. *Nuntius Antiquus*, n.5, 2010, p. 92-110.
- MAFFI, Maffio. *Cícero e o seu drama político*. Trad. José de Carvalho. São Paulo: Instituto Editorial S.A., 1948.

- MARROU, Henri-Irénée. *História da Educação na Antiguidade*. Trad. Mário Leônidas Casanova. Campinas: Kírion, 2017.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *Os Limites da Helenização: A Interação Cultural das Civilizações Grega, Romana, Céltica, Judaica e Persa*. Rio de Janeiro: Joge Zahar Editor, 1975.
- OSUNA, Esmeralda. Apresentação. In: CÍCERO. *Acadêmicas*. Belo Horizonte: Nova Acrópole, 2012, p.412.
- PEREIRA MELO, José Joaquim. Cícero: um novo modo de pensar a cultura e a educação. In: (org) MACHADO, Maria Christina Gomes; OLIVEIRA, Teresinha. *Educação na História*. UEMA: São Luís, 2008, p.189-207.
- _____. Educação e Estado Romano. *Revista Linbas*, 7(2), 2007.
- PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Demóstenes e Cícero*. Trad. Marta Várzeas. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.
- ROCHA PEREIRA, Maria Helena da. *Estudos de História da Cultura Clássica*. v. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.
- ROCHA PEREIRA, Maria Helena da. Nas origens do humanismo ocidental: Os tratados filosóficos ciceronianos. *Conferência proferida na Faculdades de Letras do Porto*, 30 de abril de 1985.
- SÁNCHEZ, Ángel Martínez. La ideia de *humanitas* em M.T. Cicerón. *Revista Internacional de Filosofia*, nº62, 2014, 123-138.
- SANT'ANNA, Henrique Modanez de. *História da República Romana*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.
- SEABRA FILHO, José Rodrigues. In: *Brutus*. Trad. José Rodrigues Seabra Filho. Belo Horizonte: Edições Nova Acrópole, 2013, p.396.
- VALENTE, Milton. *A Ética Estoica em Cícero*. Caxias do Sul-RS: Educus, 1984.
- VIEIRA, Brunno. Cícero e seu projeto tradutório. *Calíope* 15, 2006, Rio de Janeiro, p. 23-35.